



O USO DOS PRAZERES E O CUIDADO DE SI: GENEALOGIA DE UM TEXTO¹

Frédéric Gros

Institut d'études politiques de Paris – Sciences Po

Fábio Vergara Cerqueira

Tradução do original em francês

Leticia Leite

Revisão Técnica da Tradução

A Biblioteca Nacional de França adquiriu, em 1994, várias dezenas de dossiês contendo espessos pacotes de folhas, reagrupando em quatro caixas (código NAF 28284, caixas II a V) o que se poderia considerar como os manuscritos preparatórios, ou seja, como as primeiras versões redigidas do segundo e terceiro volumes da *História da Sexualidade* de Michel Foucault. Estes papéis não estão datados, não seguem uma ordem precisa. Eles não impõem, portanto, uma ordem de leitura precisa; o que torna impossível determinar, a partir dos mesmos, e de maneira absolutamente rigorosa, o avanço da redação.

Contudo eles demonstram a que nível a escrita destes dois livros, que habitualmente são tidos como contínuos, criteriosos, quase excessivamente controlados, foram objeto de múltiplos rearranjos. Queremos aqui, partindo da consulta a estas “caixas”, começar, de maneira necessariamente hipotética, por introduzir o percurso desta escrita, e “considerar”, sob a luz desta história, a arquitetura geral das versões definitivas.

Daniel Defert, em sua “Chronologie”², indica que, no começo do ano de 1979, Foucault releu os primeiros Padres da Igreja (Tertuliano³, Cassiano⁴ e Agostinho⁵).

¹ Tradução do texto: « *L'Usages des plaisirs et Le Souci de soi: généalogie d'un texte* », in BOEHRINGER, Sandra; LORENZINI, Daniele. *Foucault, la sexualité, l'Antiquité*. Paris : Éd. Kimé, 2016. Agradece-se às organizadoras da coletânea e ao autor por autorizar a tradução. O autor agradece Fábio Vergara Cerqueira, pela tradução, e Leticia Leite, pela revisão técnica.

² FOUCAULT 2015, t. II, p. XXX.

Estas releituras certamente não se destinariam a municiar o curso do *Collège de France* que ele ministrava ao mesmo tempo, consagrado ao neoliberalismo contemporâneo⁶. Foucault provavelmente pretendia retomar a sua *História da Sexualidade*, cujo primeiro volume, intitulado *A vontade de saber*, havia sido publicado em 1976, mas alterando o seu quadro cronológico, a conceitualidade geral e as questões filosóficas. Nesta época, ele anunciava uma história da sexualidade “moderna” (séc. XVII - XIX) como estudo dos dispositivos de poder incitando os desejos e os corpos: exploração de uma “carne” que as técnicas de confissão cristã tornavam eloquente, descrição da sexualidade dos corpos das crianças no quadro de campanhas, prevenindo dramaticamente sobre os perigos da masturbação, estudo das políticas de saúde e de reprodução, análise de processos de histerização do corpo feminino pelo corpo médico⁷... Em suma, tratava-se de mostrar como aquilo que chamamos hoje de “sexualidade” se constituiu na época moderna como o produto de uma vigilância intrusiva, a qual, disfarçada de objetividade, simultaneamente controlava e excitava o corpo, provocando as resistências que tomariam a forma daquilo que seria denunciado como perversões ou outras formas psicopatológicas. Ao reler os primeiros Padres da Igreja (séc. II - IV d.C.), seus primeiros tratados sobre a função do casamento, o ideal da virgindade, as formas de penitência ou as contaminações noturnas, Foucault tentava, sobretudo, descrever o ambiente histórico no qual se articulava o tema de uma concupiscência culpada, de um desejo que seria a própria raiz da sexualidade. Seria possível situar a primeira redação das *Confissões da carne*, obra consagrada a estes textos cristãos, no início dos anos 80 – no original datilografado desta primeira versão encontram-se muitos desdobramentos de temas que foram tratados nas aulas do curso *Do governo dos vivos*, então ministrado no *Collège de France*⁸. A morte impediria Foucault de reler e

³ N.T. *Quintus Septimius Florens Tertullianus* (160-220 d.C.), nascido em Cartago, um dos primeiros autores cristãos latinos.

⁴ N.T. São João Cassiano (ca. 360-435 d.C.), Joannus Cassianus, monge de Marselha e teólogo cristão do período da patrística. Fundou o monasticismo ocidental.

⁵ N.T. Agostinho de Hipona, ou Santo Agostinho (354-430 d.C.), nascido na província da África Romana, um dos principais teólogos e filósofos do cristianismo antigo.

⁶ FOUCAULT [1979] 2004.

⁷ Tais são os conteúdos dos volumes anunciados como devendo formar a sequência de *A Vontade de saber. A Carne e o corpo; A Cruzada das crianças; A Mulher, a mãe e a histérikue; Os perversos; Populações e raças*.

⁸ FOUCAULT [1980] 2012.

corrigir completamente esta primeira versão, que seria anunciada em 1984 como o Tomo IV da *História da Sexualidade*, "lançamento próximo".

Em 1981 Foucault ministrou no Colégio de França um curso intitulado *Subjetividade e verdade*⁹, ao longo do qual ele se dedicou principalmente ao estudo de uma série de dissertações estoicas consagradas ao casamento e à sexualidade conjugal. Em 1982, suas aulas trataram das "técnicas de si", das "artes de viver", que constituirão o quadro geral em que se inscreve sua nova história da sexualidade. O conjunto atesta um trabalho intenso de leitura, que teria continuidade ainda em 1983. No seu leito hospitalar, Foucault recebe das mãos de Pierra Nora um exemplar d'*O cuidado de si*. Pode-se então supor que, uma vez concluída a primeira redação d'*As Confissões da carne*, logo no início dos anos 80, Foucault tenha se consagrado a escrever um volume sobre a sexualidade antiga. Se ele teve o objetivo de que *As confissões da carne*, que constituem o que ele chamou de uma "genealogia do homem do desejo"¹⁰, antecedessem *O cuidado de si*, seria para demarcar a coexistência de uma ruptura e de uma continuidade entre o paganismo e o cristianismo. Salientando que muitos historiadores o precederam neste caminho, Foucault combatia a hipótese de uma idade de ouro pagã, o mito de uma sexualidade tolerante, plena e sem proibições, que em breve assombraria as desconfianças cristãs. A suspeita frente às relações eróticas entre homens, as exigências da vida matrimonial, a condenação de uma sexualidade desenfreada, os sonhos ascéticos, são todos parte integrante das morais antigas, e não foi necessário esperar nem o cristianismo, nem as convenções burguesas, para escutar um elogio vibrante à austeridade sexual. Esta continuidade, no entanto, não deve ser sobrevalorizada. Há de fato uma linha de compartilhamento entre os *aphrodisia* antigos e a carne cristã, mas esta linha não se situa neste nível das limitações e proibições. Ela se sustenta por completo na experiência de si mesmo pelo sujeito sexual, na maneira que ele organiza uma relação consigo mesmo para sustentar na sua existência esses elementos de código. É exatamente esta dimensão "ética", esta estruturação do sujeito produzida por técnicas específicas, que se tornam, para Foucault, seu novo objeto de estudo. A descontinuidade entre o paganismo e o cristianismo será então pesquisada no nível da experiência que o sujeito sexual faz de

⁹ FOUCAULT [1981] 2014.

¹⁰ FOUCAULT 2015, t. II, p. 747.

sua relação com os prazeres e com os outros. Isto leva Foucault a explorar uma série de textos com frequência negligenciados: as pequenas artes de viver, os tratados médicos sobre regime, as dissertações sobre a vida conjugal. É nesta literatura que se deixa entender, de fato, a preocupação com elaboração de uma conduta, e a proposição de técnicas para instaurar uma relação consigo que sustente esse trabalho ético.

Os dossiês de arquivos demonstram que Foucault começa escrevendo um volume que deveria tratar exclusivamente dos dois primeiros séculos da nossa era, e cujo título já era *O uso dos prazeres*. Nas primeiras versões encontram-se, por exemplo, as seguintes declarações: "O primeiro volume será consagrado ao estudo de um certo modelo de austeridade sexual que era proposto nos dois primeiros séculos da nossa era: grosso modo, de Sêneca¹¹ a Marco Aurélio¹², de Rufo de Éfeso¹³ a Galeno¹⁴; após ter evocado o que se pode considerar como a forma corrente da ética sexual, e, em seguida, o contexto constituído [pelo] desenvolvimento considerável de uma cultura de si, eu analisarei três grandes maneiras de ser austero; no volume seguinte, tratar-se-á da transferência deste esquema antigo de austeridade para o cristianismo, assim como da renovação da pragmática do sujeito, do rearranjo da ética sexual no ascetismo e na espiritualidade que se desenvolve entre os séculos III e V"¹⁵; "Os marcos de referência escolhidos serão os textos de

¹¹ N.T. Sêneca, o Jovem (Lucius Annaeus Seneca), de Córdoba (Espanha), nascido no ano de Cristo e falecido em 65 d.C., foi importante filósofo estoico, além de poeta e político. Agripina contratou-o como educador de seu filho Nero, sobre quem exerceu influência por longos anos, antes de cair em desconfiança, o que acarretou sua morte no décimo primeiro ano de governo daquele. Não confundir com Sêneca, o Velho (Lucius Annaeus Seneca), seu pai, nascido em 55 a.C. e falecido em 39 d.C., da classe dos cavaleiros, que se dedicou à retórica. Para diferenciar de seu filho, é chamado Sêneca, o Retórico, ou o Orador.

¹² N.T. Nascido em 121 d.C. e adotado por Antonino Pio em 138, foi o quinto imperador da dinastia dos Antoninos, governando entre 161 e 180 d.C. Desde jovem dedicou-se aos estudos da filosofia estoica, à qual se sentiu ligado ao longo de sua vida. Publicou suas *Meditações* em grego, coleção em doze livros de aforismas e conversas consigo mesmo, que lhe valeram a fama de "Imperador filósofo".

¹³ N.T. Médico grego, viveu entre o séc. I e II d.C.

¹⁴ N.T. Médico e filósofo, de Pérgamo, viveu entre 129 e ca. 210 d.C., filho de um matemático e arquiteto bem estabelecido, que lhe proporcionou educação aprofundada em matemática, filosofia e medicina em renomados centros de estudo e pesquisa da época, tais como Pérgamo, Esmirna e Alexandria. Após atuar como médico de gladiadores em sua cidade natal, teve carreira exitosa, atuando em Roma e tornando-se inclusive médico de Marco Aurélio. Sua obra compreende em torno de 400 escritos sobre medicina, filosofia e filologia.

¹⁵ Caixa II, pasta 10, fol. 68-69.

Musônio¹⁶ e de Sêneca de um lado, e, no extremo oposto, aqueles de Galeno e de Luciano¹⁷. E, entre estes marcos, não se investirá na descrição de todas as relações que a moral sexual pode ter assumido ao longo desta época complexa, mas em seguir a constituição de uma certa temática de austeridade sexual que teria um alcance bastante longo na história posterior. O estoicismo tardio, em suas diferentes modulações, terá assim um lugar importante, porém longe de ser exclusivo¹⁸; “Agora eu posso precisar melhor o objeto deste volume. Tratará de estudar como os atos e a atividade sexuais foram problematizados através da arte de si mesmo e da tecnologia de si, nos dois primeiros séculos da nossa era, mais precisamente, durante o período que se estende de Augusto ao final dos Antoninos¹⁹. Se a Antiguidade tardia é imediatamente privilegiada, é porque ela testemunha a fermentação complexa entre a cultura cristã e pagã, mas também um momento de abalo capital para a história da subjetividade.

Nesta primeira versão, como o indica o primeiro plano²⁰, Foucault constrói seu livro sobre a Antiguidade tardia em três momentos: uma primeira parte (“A ética do controle”) permite traçar um panorama sobre a forma geral da moral sexual no conjunto da Antiguidade; a segunda (“A cultura de si”) situa um ideal mais especificamente helenístico e romano de estruturação da subjetividade; a última (“As austeridades”) estuda o conteúdo em si da ética sexual em três domínios: a relação com o corpo, a ligação conjugal, a relação erótica entre um homem e um rapaz. Encontra-se um segundo plano, datando sem dúvida da primavera de 1983, que se divide da seguinte forma: “Introdução”, I. “O uso dos prazeres” (1. Noções e princípios: *aphrodisia/khresis*/medida e momento/controlado de si; 2. Um exemplo: a Onirocrítica); II. “Práticas da temperança” (1. Dietética; 2. Econômico; 3. Erótica); III. “A cultura de si” (1. Desenvolvimento e contexto; 2. Técnicas); IV. “Exigências de

¹⁶ N.T. Gaius M. Rufus, filósofo estoico romano da classe dos cavaleiros, viveu aproximadamente entre 30 e 100 d.C. Preservaram-se em torno de 40 excertos de sua obra, que refletem em particular uma ética estoica tradicional. Foi professor de Epicteto e de Dion de Prusa.

¹⁷ N.T. Luciano de Samósata (Síria), autor grego, viveu entre ca. 120 e 180 d.C., representante do movimento intelectual helenizante da época dos Antoninos e Severos, conhecido como Segunda Sofística. Sua obra abrange uma variedade notável de gêneros, totalizando entre 70 e 80 obras a ele atribuídas.

¹⁸ Caixa II, pasta 1, fol. 66-67.

¹⁹ Caixa II, pasta 4.

²⁰ Caixa II, pasta 1 : Introduction ; Première partie : l'éthique de la maîtrise (chap. 1 rêver de ses plaisirs ; chap. 2 dominer ses plaisirs ; chap. 3 limiter ses plaisirs) ; Deuxième partie : la culture de soi (chap. 1 les développements, chap. 2 les pratiques) ; Troisième partie : les austerités (chap. 1 le corps, chap. 2 la femme, chap. 3 les garçons).

austeridade” (o corpo, a esposa, os rapazes). Neste momento, Foucault considera ainda a escrita de um único livro. Ele conserva a ideia de uma abertura para a exposição de conceitos gerais de uma ética sexual válida para toda a Antiguidade, que é seguida pela análise de um texto (a *Onirocrítica* de Artemidoro²¹) que deve funcionar como teste: “Deve-se temer, contudo, aquilo que poderia haver de arbitrário em uma reconstrução que se apoiaria sobre elementos demasiado díspares. Corre-se o risco de [construir] um meta-sistema que abrange o tempo, mas que nunca existiu de fato em época alguma: o esquema obtido deste modo não seria nada além da nossa própria maneira de refletir acerca desses diferentes elementos que ninguém jamais teve a ocasião ou a proposta de pensar em conjunto; que nunca constituía uma forma real, ativa, produtiva de problematização. É por isto que eu usei um texto particular para testar este esboço geral: um texto tardio a fim de que ele pudesse atestar que esta forma de refletir sobre a moral das relações sexuais ainda fosse operatória no final do séc. II d.C., às vésperas da época em que o cristianismo viria a se difundir amplamente; um texto distanciado igualmente das grandes doutrinas morais, com suas exigências de extrema austeridade, um texto de “prática”, e de prática cotidiana, com o fito de mostrar que esta forma de problematização era coisa corrente: a *Onirocrítica (Interpretação dos sonhos)* de Artemidoro será este exemplo”²². Foucault acrescenta então um capítulo (“Práticas da temperança”) consagrado à ética sexual dos séculos V e IV a.C. A obra se tornara a tal ponto volumosa que, em agosto do mesmo ano, ele decidiu dividi-la em duas.

Após estas primeiras indicações, pode-se voltar à estrutura dos livros, tal como eles foram publicados em suas versões definitivas de 1984. A introdução geral, que abre *O uso dos prazeres*, é com certeza o texto que foi trabalhado de forma mais cuidadosa, o mais obsessivamente reescrito por Foucault. É ela que deveria explicar a reviravolta cronológica, acompanhada de uma transformação de método ou de abordagem. Esta nova história de fato não se contenta em realizar um simples movimento de recuo de alguns séculos, de deslocamento de rumo. O objetivo em si da pesquisa, como foi evocado, muda: não são mais os “dispositivos” de poder que constituem o objeto da análise histórica, mas as “experiências” da sexualidade. Daqui

²¹ N.T. Artemidoro de Daldis (Lídia), autor grego nascido na segunda metade do séc. II d.C., considerado seguidor do estoicismo, conhecido pela sua obra sobre interpretação dos sonhos, a *Oneirokritika*. Não confundir com Artemidoro de Êfeso (Jônia), geógrafo do séc. I a.C.

²² Caixa III, pasta 2, fol. 10-11.

em diante, trata-se de descrever as modalidades determinadas através das quais um sujeito constitui sua relação com os prazeres e com seus parceiros. Ora, esta “experiência” sexual é particularizada por uma série de limitações: delimitam-se os parceiros, os lugares, os lugares de gozo; segue-se um determinado ritual de sedução; a gente se impõe regras, etc. Essas restrições podem evidentemente ser impostas por uma lei pública, por prescrições religiosas, normas sociais ou naturais. Uma questão capital destes últimos livros de Foucault consiste em fazer ver que o gênio antigo elaborou austeridades mais *éticas* que religiosas, políticas ou sociais, ou seja, elas situam-se no quadro geral de uma arte de viver, de uma técnica de existência. Assim, em uma versão anterior, ele pode escrever: “Em sociedades do Ocidente cristão e moderno, os preceitos que delimitam a prática sexual validada são em geral de três ordens. Há prescrições de tipo jurídico, que definem o que é legalmente proibido e pode, portanto, acarretar sanções públicas (assim, segundo as legislações, o estupro, as relações homossexuais, a relação com menores). Há prescrições de tipo religioso, que definem o que constitui um pecado, uma ofensa a Deus, uma violação de regras da instituição eclesiástica (assim a condenação, na moral cristã, de todo ato sexual que não fosse legitimado por uma ligação conjugal, ou ainda a ruptura do voto de castidade). Há, enfim, preceitos que remetem a regularidades “naturais” reconhecidas por um consenso, aceitas por uma tradição, ou autenticadas eventualmente por um saber: assim, as práticas da masturbação, felação, fetichismo e sodomia podem ser desqualificadas, como contrárias à natureza do ato sexual, à sua forma e à sua finalidade. A justaposição destes três sistemas de referência, e seu emaranhamento, tornam-se ainda mais complexos pela presença de outras regras que podem advir da conveniência social ou de hábitos de um grupo. Mas, em resumo, pode-se dizer que a lei, a religião e a natureza constituem os três grandes quadros de referência em que se inscrevem as regras da moral sexual. Ora, na Grécia, ao que parece, nem as instituições jurídicas, nem as obrigações religiosas, nem tampouco as referências às formas naturais, foram os elementos mais importantes para uma reflexão moral em busca dos princípios para um bom uso dos prazeres do corpo. Parece que o essencial estava de fato em outro lugar. Não é que não tenha havido na Grécia leis, escritas ou não, fixando o que é ilícito na ordem dos atos sexuais. Certamente, nas cidades gregas e em Roma, como por toda parte, havia

um conjunto de regras sancionadas seja pelo poder público, seja sobretudo pela autoridade familiar.

Algumas destas regras diziam respeito ao adultério, definido como uma infração ao direito do marido sobre a mulher (é o estatuto matrimonial da mulher, e não aquele do homem, que é constitutivo do adultério). Outras regras diziam respeito ao direito de pais ou da família, e tinham como alvo o rapto, a sedução, ou simplesmente a desonra. Outras se relacionavam ao incesto (estritamente definido sempre como entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs). Outras implicavam sanções às violências. Outras definiam as incompatibilidades ou as desonras: em Atenas, um homem não poderia exercer alguns cargos, caso se pudesse comprovar que ele tinha se prostituído na juventude. Mas essas leis e essa jurisprudência constituíam somente um quadro muito geral, e aplicado de maneira muito desigual; ele não era solicitado para regular os comportamentos sexuais, nem a conduta mais conveniente²³. Este "outro lugar" onde reside o "essencial" é precisamente esta dimensão, este duplo de si: sou eu mesmo que imponho a mim mesmo um limite e uma forma, a partir de uma exigência interna. Dir-se-á este limite "ético" e "subjetivo" no sentido em que esta exigência não é imposta a partir de algo "externo" (o Estado, a Religião, a Sociedade, a Natureza), como uma restrição que atravessaria o indivíduo. Ela é uma estruturação que provém do próprio sujeito. Como se sabe, o pensamento moderno elaborou pelo menos duas grandes figuras de limitação subjetiva, recebidas sob o mesmo nome de "lei": a norma universal cuja fonte está no ego transcendental (kantismo), e a proibição como mecanismo inconsciente (psicanálise). O primeiro gesto teórico desta nova história da sexualidade, efetuado precisamente nesta "Introdução", consiste em uma superação do modelo da Lei. Porém, mais do que a "tolerância" do hedonismo ou o fantasma vão de uma emancipação total, é a alegre variedade de ascetismos que Foucault (segundo gesto) opõe à tese da proibição maior. Não se trata de modo algum de reler os textos dos Antigos para entoar o canto de uma sexualidade desenfreada, tolerante, solar, bem afastada de melancolias cristãs ou sobriedades burguesas. Trata-se, outrossim, de apresentar o quadro de sexualidades ordenadas por limitações que dão *forma* à existência de um sujeito de prazeres. Esses ascetismos antigos não devem, evidentemente, serem compreendidos

²³ Caixa III, pasta 5, fol. 46.

como macerações que alguém se impõe, como diminuições do ser, privações, mas como instrumentos de *estilização*.

O capítulo intitulado "A problematização moral dos prazeres" evoca a armadura conceitual geral da moral sexual antiga. As primeiras versões do texto insistem mas detida e sistematicamente na oposição com relação à experiência cristã. A noção de *aphrodisia* (coisas do amor) se opõe, assim, àquela da carne. Falando de *aphrodisia*, por meio de suas revisões de Hipócrates²⁴, Xenofonte²⁵ ou Aristóteles, Foucault pretende evocar uma experiência da sexualidade que se apresenta imediatamente ao sujeito como esta atividade natural cuja intensidade contém um risco. A sexualidade se reflete como uma necessidade que nos leva vigorosamente a um ato, o qual, quando efetuado, é acompanhado por um imenso prazer. Foucault quer compreender por *aphrodisia* a lógica em si deste encadeamento (necessidade-ato-prazer), ao mesmo tempo natural e perigoso para o sujeito. O que será próprio à experiência cristã será fragmentar este bloco dinâmico, colocando como secundário o ato e o prazer, a fim de fazer a instância do desejo valer como aquela ponta libidinal que deverá ser isolada e interrogada. A *egkrateia* (controle) remete a esta relação "agonística" ou mesmo "política" que cada um deve construir com relação a si mesmo como resposta à energia gasta pelos *aphrodisia*. Foucault quer mostrar sobretudo que, espontaneamente, a sexualidade não exige uma relação hermenêutica consigo mesmo, como o cristianismo progressivamente imporá. Não se trata de produzir, com a ajuda de outro, uma leitura da verdade de seu desejo íntimo, mas de impor, com a ajuda de discursos "verdadeiros" (os conselhos do sábio ou do médico), uma medida a seus impulsos sexuais. O conceito de *khresis* (uso) permite defender, contra todo normativismo ou universalismo (a ideia de um modelo obrigatório de sexualidade válida para todos), o tema de uma busca pela oportunidade ideal. Longe de um catálogo estrito, definindo o que vale para todos em termos de ações permitidas/proibidas, a *khresis* propõe, para a atividade sexual, casuísticas diferenciadas. Não existe, para os Antigos, norma de atividade sexual: as regularidades e os parceiros de ato variam segundo o momento, a temporada, o estatuto social ou a compleição física, a própria aparência, dos indivíduos. No *Uso*

²⁴ N.T. Hipócrates de Cós, nascido em 460 a.C., fundador da medicina racional grega.

²⁵ Historiador grego nascido em Atenas, viveu aproximadamente entre 430 e 350 a.C. Seus escritos incluem ainda obras com conteúdo filosófico, econômico e sobre educação.

dos prazeres seguem-se, por fim, estes três conceitos de considerações mais gerais ("Liberdade e verdade") por intermédio dos quais se esclarece a ideia de uma ética. Os três desenvolvimentos seguintes (Dietética, Econômico, Erótica) correspondem aos três grandes domínios da experiência sexual que Foucault, como se apontou, identificou desde o começo (relações com o corpo, com a esposa e com os rapazes). Estes pontos serão retomados em *O cuidado de si* (nos capítulos IV, V e VI) para mostrar o reforço das exigências de austeridade em cada um destes domínios. O *Uso dos prazeres* contém, então, três grandes momentos: uma introdução geral na qual Foucault, explicando a transformação de suas perspectivas com relação a 1976, delinea seu balanço de pesquisa, e, sobretudo, as questões filosóficas em torno do que ele denomina "ética" e "subjetividade"; uma exposição dos conceitos fundamentais da experiência sexual clássica; a exploração dos três grandes domínios da experiência sexual.

A arquitetura de *O cuidado de si* é mais complexa. Os três últimos capítulos, como vimos, têm um estatuto claro. Eles mostram, nos três domínios destacados, as inflexões das morais sexuais helenísticas e romanas: as relações eróticas entre homens são aceitas somente quando sublimadas, como em Platão, mas desta vez francamente desacreditadas; a fidelidade conjugal torna-se uma exigência mais estrita, que não se sustenta mais sobre considerações político-estatutárias, mas sobre uma exaltação do casal como núcleo de confiança; o impulso sexual, enfim, é denunciado mais pela languidez que ele representa do que pelo perigo de sua própria energia, exigindo um controle permanente da alma sobre seus movimentos interiores. O estatuto do primeiro capítulo de *O cuidado de si* ("Sonhar com os próprios prazeres"), consagrado a um tratado de análise de sonhos escrito por Artemidoro, é por outro lado mais ambíguo. Enquanto autor do século II d.C., Artemidoro encontra-se dentro da sequência cronológica escolhida para este segundo volume, mas ele está presente principalmente para atestar a permanência de eixos de valorização sexual formulados na Antiguidade clássica (a importância do respeito aos gradientes sociais no posicionamento sexual dos parceiros e na predominância do princípio de ativo sexual), mesmo que a nova "cultura de si" vá introduzir outras exigências: "Ele dá testemunho da continuidade e vivacidade desta pragmática 'tradicional', em uma época em que outros processos, visíveis em outros

lugares, tendem a transformá-la”²⁶. Os capítulos II (“A cultura de si”) e III (“Si mesmo e os outros”) exigem dimensões que parecem quase descentrar a demonstração de conjunto. No capítulo II encontra-se a apresentação escolhida da exigência ética, própria à cultura helenística e romana: um cuidado de si inscrito na duração, que assegura menos um controle político e mais uma fruição perfeita, no sentido de um enlaçamento de si sobre si, de uma presença contínua de si mesmo, ela mesma assegurada pelas técnicas específicas de vigilância e de controle, elaboradas pelas escolas filosóficas. Com efeito, aqui Foucault se obriga a sintetizar um conjunto de teses que ele planejava desenvolver, de forma mais abrangente, em uma obra que ele tinha prometido à editora Seuil com o título *O governo de si e dos outros* (*Le Gouvernement de soi et des autres*). Resulta que esta evocação do cuidado de si, em sua forma essencialmente estoica, é indispensável para perceber a inflexão das austeridades sexuais, tornado-se doravante impossível analisá-la como um anúncio, uma prefiguração de austeridades cristãs. O capítulo III, por sua vez, deve ser compreendido como a contribuição de elementos de explicações externas desta reconfiguração da exigência ética: um novo acordo político (o Império) e uma “publicização” do casamento. A “cultura de si”, segundo a expressão de Foucault em uma primeira versão, seria precisamente a “resposta a mudanças que transformam o campo social e o jogo das relações conjugais”²⁷. Por fim, pode ser observado que os elementos de conclusão de *O cuidado de si* em torno do problema do “Epicteto”²⁸ cristão” apareciam, nas primeiras versões, na introdução geral.

Esses dois últimos livros de Foucault com frequência provocam desapontamento. Eles aparentavam demasiada calma e serenidade: nenhuma provocação aparente, um estilo de uma sobriedade exemplar, comentários milimétricos dos textos antigos... Esta impressão é enganosa. Sob o verniz de uma escrita sem sobressaltos, quase transparente, é preciso reencontrar as energias de recomposições múltiplas, as nervuras de intensidades teóricas, mas escutar, talvez e sobretudo, alguns ecos surdos. *O Uso dos prazeres* e *O cuidado de Si* constituem,

²⁶ Caixa III, pasta 4, fol. 10.

²⁷ Caixa II, pasta 5, fol. 53.

²⁸ N.T. Filósofo grego estoico nascido em Hierápolis na Frígia, viveu entre 50 e 120 d.C. Após parte da vida como escravo, viveu como liberto em Roma, assistindo às aulas de Musônio. Em 92-93, juntamente com outros filósofos, foi banido de Roma pelo imperador Domiciano, lecionando até sua morte em Nicópolis, perto de Ácio, no Épiro. Sua obra exerceu influência sobre Marco Aurélio.

com efeito, um marco histórico sobre o sujeito sexual antigo, cujo sentido deveria ser igualmente compreendido numa relação construída com outras duas obras, com cuja escrita Foucault se ocupava naquele mesmo momento: *As confissões da carne* e *O governo de si e dos outros*. Esperemos que um dia nós disponhamos de uma edição destas obras, ainda que inacabadas, incompletas, lacunares, a fim de que este estudo dos *aphrodisia* possa entrar em dupla ressonância com o estudo do cuidado de si antigo e da confissão cristã.

Referência bibliográfica

FOUCAULT Michel. **Naissance de la biopolitique. Cours au Collège de France. 1978-1979**, éd. M. Senellart, Paris, EHESS-Gallimard-Seuil, [1979] 2004.

_____. **Du Gouvernement des vivants. Cours au Collège de France. 1979-1980**, éd. M. Senellart, Paris, EHESS-Gallimard-Seuil, [1980] 2012.

_____. **Subjectivité et vérité. Cours au Collège de France. 1980-1981**, éd. F. Gros, Paris, EHESS-Gallimard-Seuil, [1981] 2014.

_____. **Œuvres**, « Bibliothèque de la Pléiade », Paris, Gallimard, 2015.